



Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVI—N.º 414—Preço 1\$00
23 DE JANEIRO DE 1960

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: *Padre Américo*

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Ó meu Deus nós Te damos graças e pedimos que aumentes a nossa confiança em Ti. Confiar é entregarmo-nos totalmente, até às empresas de Deus, não de mãos cruzadas,

SETUBAL

mas em tranquilidade de espírito. Assim temos feito. Totalmente doados, mas tantas vezes com o espírito inquieto. Inquietação que é falta de confiança.

Eu quero confiar inteiramente e vou dar aos leitores as razões que a isto me levam.

Os Reis deste ano, como no Natal do ano passado trouxeram-nos uma camisola boa, linda, fina, umas calças e uns sapatos para cada um.

Eu daqui beijo religiosamente as mãos sacrificadas que as teceram.

Sei que a dominante é o pensamento de que o Pai do Céu vê tudo o que fazemos e tem muito a peito o que é prós mais pequeninos. Por isso mesmo damos graças a Deus pois muito devemos às senhoras de Setúbal. É uma cruzada que a pouco e pouco vai engrossando. Se a exposição levada a efeito na Câmara era de agasalhar oitocentas crianças podia muito bem ser de aquecer duas ou três mil; requeria-se apenas que cada uma das máquinas de tricotar que há em Setúbal fizesse duas ou três camisolas, mas não. Eu vou a indagar quantas e somente oito ou dez. As outras estiveram paradas e tantas donas a perder o tempo. Mais ainda, «que quem as fez é gente de trabalho». Quem se une às Senhoras da Casa de Trabalho? Quem? Ali trabalha-se. Eu posso dar testemunho. As nossas meias são ali cozidas todas as semanas, e as nossas camisolas ali feitas.

De Maio aos Reis aí vai algo do que à nossa casa tem chegado. Duma Funcionária do Governo Civil 20, de D. Quaresma 20. Pelas felicidades do Manuel João 20. Em Águas de Moura cem e brinquedos e doces. Dum irmão de Almada, cem. Duma Mãe do Porto 50 para agasalhos. Dum senhor que veio trazer roupas 50. Visitantes outro tanto. C. e Lopes 150. Da Junta de Freguesia da Anunciada mil. As outras freguesias esquecem-nos e temos muitos rapazes de todas as freguesias de Setúbal. Da Delegação da M. P. roupa e 300.

Nos correios, onde somos sempre bem atendidos, 40. Num envelope a um nosso amigo 50

continua na página quatro

VIDAS ESCONDIDAS

Quando escrevi o último jornal e atribuí a certas vidas escondidas a causa meritória de tantas graças, estava longe de que uma das mais jovens dessas vidas tão depressa Deus a escondesse para sempre no Seu seio.

As Obras que Deus realiza pelas mãos dos homens, têm a sua face, que os homens contemplam e são levados a julgar devida à actividade dos obreiros que vêem em pleno labor. As obras humanas, por muito boas que sejam, são assim, apenas assim. Por isso, por muito boas que sejam, sempre as suas raízes mergulham pouco fundo. A contingência, a efemeridade — são a sua lei.

As divinos, humanos, por muito reclamado que nos pareça o elemento humano, dependem tanto ou mais que dos obreiros activos, daqueles outros activos que se consomem no silêncio, na oração, ou mesmo em actividade que se desenvolve atrás da face por todos contemplada, que quase ninguém vê.

Quantas almas nos dão horas de joelhos quotidianamente! Quantas nos dirigem a resposta divina ao alegre ofertório das suas dores! Quantas nos não consagram suas forças em trabalho tão humilde e incompreendido quão indispensável, e por isso mesmo precioso, até ao desgaste total! Almas que resplandeceram luz que os homens pouco sabem ver, até ao momento derradeiro. Ainda agora acesas aos nossos olhos — e já o seu brilho ampliado e transferido para Lá, onde nós ainda não lobrigamos, embora sintamos (isso sim), os efeitos da mudança.

São assim as nossas Senhoras. «Mulierem fortem, quis inveniet?» «Quem encontrará uma mulher forte? Ela é mais preciosa do que as riquezas que se trazem dos confins do mundo».

E elas abraçam a suprema fortaleza do seu anonimato. Vivem para servir. A sua lei é obedecer. Podem sugerir...; jamais pretendem conduzir. O seu retrato podíamos dizê-lo em uma só palavra: discreção.

Por isso ninguém repara, ninguém as estima suficientemente; nem, nós próprios que colhemos as primícias da sua doação! E elas, parecendo indiferentes, acima das mais humanas exigências, passam em simplicidade da vida ao leito da morte; de junto ao leito da morte à vida de cada dia.

O Senhor levou-nos uma das nossas Senhoras. Nós somos cristãos. Profanos seríamos se não acreditássemos que o Senhor que no-la deu, no-la tirou, em Seu direito pleno, para lhe dar a visão de Si por prémio de uma vida que encheira a medida da sua perfeição. Profanos seríamos se não acreditássemos, que o Senhor que assim nos provou tão dolorosamente, desfalcando a já pequenina falange das nossas Senhoras, tem muito mais para nos dar.

Por ora nada vemos, nada sabemos. Mergulhamos mais fundo no mistério da eficácia das vidas ocultas e dos designios insondáveis de Deus.

E não temos mais que bendizer o Santíssimo Nome de Jesus.

Nós vamos ao Coliseu

E espero mesmo poder acrescentar logo em seguida:

E vamos ao Império.

Já o ano passado pensáramos em nos apresentarmos ao povo da capital. Eu sou de Lisboa. Sofro com um nadinha de humilhação uma certa apatia dos meus conterrâneos. Se o Porto sempre tem correspondido de tantos e variados modos, todos plenos de significação — porque não havemos de ir a Lisboa, levar a um dos seus palcos, a frescura, a sinceridade do que é a Casa do Gaiato?!

Já o ano passado assim pensáramos. Depois, intrometeram-se doenças, trabalhos... Faltou-nos a coragem para meter ombros à empresa, que causa tantos trabalhos e nas últimas horas, mesmo, um pouco de nervosismo. Ficámos em casa.

Este ano, porém, não há-de ser assim, se Deus quiser.

Por causa de outros trabalhos que temos em vista, será mais cedo, este ano.

No Coliseu em Março e contamos que a Empresa do Império nos abra as portas logo em seguida. Portuenses e lisboetas, vão-se, pois, preparando. Como estamos em tempo de muitos e variados concursos, podemos já pôr em disputa, qual dos dois públicos vai esgotar mais cedo a respectiva sala. O Coliseu é grande mas neste dia costuma ser pequeno. O Império é das maiores salas de Lisboa. Esperamos que na nossa festa também assim não pareça.

No próximo número devemos dar notícias mais concretas.



TRIBUNA DE COIMBRA

E

SCREVE como quem reza, dizia muitas vezes Pai Américo. Mal de nós se toda a nossa vida não for um louvor a Deus. Mesmo os assuntos profanos de que tratamos e o nosso dar contas materiais confiando, tem de ser um louvor a Deus.

Esta quadra é para todos de alegria e generosidade. Rico e pobre sentem a festa do Natal. Na história humana nunca houve facto tão transcendente. Daí a sua permanência através dos tempos.

O valor material do que fazemos, do que damos e do que recebemos, vale tanto mais quanto sacrifício representa. Vale ainda mais conforme a intenção interior que o acompanha. E neste ponto o que nos chega traz selo com sabor a divino. Tantas testemunhas que cheiram a mistério de Amor de Deus. Se não fosse por este testemunho nós ficaríamos no silêncio.

As nossas Boas Festas são sempre em número. Duzentos dum amigo da Figueira que veio visitar o afilhado. Gostei do gesto. Há pessoas afins dos

nossos rapazes que nos podiam ajudar muito. Fatos de Maceira-Liz. Colaboração sempre muito amiga a desta família. 270\$ de Linho. Não foi gratificação, mas delicadeza espiritual. Vinte de um empregado no Porto, à Senhora da nossa casa; 120\$ do Luso com muita simpatia; cem pelo nosso Médico de Miranda. Dois gestos de muita amizade. Cami-

continua na página quatro

O

Calvário continua a ser local de romagem. Quem uma vez cai em aqui vir, leva no peito a inquietação e torna. E torna mais entusiasmado e amigo. Não creio que a atracção maior seja o granito trabalhado das construções, a copa acolhedora das carvalhas ou a paisagem verdejante do norte. Os pobres doentes, sim! Cristo crucificado neles, sim! Só Ele o imã poderoso que irresistivelmente atrai. Sômente por causa d'Ele se compreende, que quem veio, retorne.

Os frequentadores do Chave d'Ouro têm a ideia de conhecer o Calvário. Apresentam-se em vésperas do Natal com 3000\$. Depois do que observam os olhos rasam-se-lhes de lágrimas. No momento, um amigo que os acompanha, não resiste e deixa 500. Passados dias ei-los de novo. Não dormiram, por certo, entretanto. Agora vem com 7000\$. Devoção? Mais do que isso. Almas grandes a amar Cristo nos que sofrem. E despedem-se: Até breve. Por isso, senhores, tenham medo de vir. Receiem ficar apegados ao lixo deixado às ruas. Lixo que cativa os mais indiferentes. Estas linhas são o pregão dos cativos. Oigam-nos:

Engenheiro de Espinho oferta um livro e neste escondida nota de mil. Decorrido um mês, não satisfeito, entrega outro mais pesado com mil e quantos escudos. Lisboa veio ao Calvário no outono, e desde então não cessa de enviar encomendas. Ele são roupas, remédios, plásticos, lãs em muitas e variadas confeções.

«Portuense qualquer» é mensalmente certa «com uma pedra para mais casas donde partirão para a Eternidade, confortados, irmãos nossos que tanto sofrem». Empregada em estabelecimento do Porto, entrega-nos nota de mil. «Foi a primeira que recebi. É com sacrifício que a dou e a família talvez não compreenda». Que importa? O amor tudo suplanta e vence. A Avenida de Roma é presença mensal com 50\$ desde o início do Calvário. Peccador de Ovar é nome repetido. «Lisboeta qualquer» aparece pela vez primeira, e «Deus queira que muitas vezes». E não haverá também uma conimbricense qualquer? «A que muito quer à Obra» marca o ponto com 100\$. Ventura Ferreira com 2.000\$.

Pelo Espelho da Moda passam os enamorados, que não é dado conhecer. Ali levantamos três embrulhos de Alice, 500\$00 para cobertores, roupas e 250\$ e 100\$ e mais ofertas de anónimos. De Coimbra três peças para colchas. Que bom!

Mão amiga com 500 agradece proporcionar-lhe ocasião de praticar o bem. Nas bodas de prata, casal anónimo envia 50\$00. Arminda, 500\$ em acção de graças. Visitantes de Cedofeita, 60\$. Beira do Ultramar, roupas. Sacavém, louça da sua fábrica.

Amigo do Porto, dois fogões eléctricos «Leão».

«Pela conversão do meu marido aí vão 100\$». Por entes que Deus chamou, 50\$. Pelas melhoras do doente, outro tanto. Com muito amor aos doentes, 200\$ da Praça de Damão.

Mais roupas e 250\$ do Porto. M. E. «com toda a minha devoção por Obra tão sublime, 100\$».

Pecadora vem com 40\$. Visitantes com 250\$. Outros sorrateiros com 300\$.

Na Igreja das Antas recolhemos 6.300\$. Em Guimarães pouco mais de dois mil escudos. O Porto não nos quer a tiritar. Mais cobertores, pijamas, toa-

lhas e flanelas. Maria do Porto quer suavizar a dor dos doentes. Para a ceia do Natal, 100\$. Sacerdote vem com outro tanto. Mão escondida com quatro vezes mais. Viúva com roupa para os cancerosos. S. João da Madeira também quer melhorar as refeições do Natal com 100\$.

Avelino apareceu com metade. Anónimo com outro tanto. Triste viúva com roupa. Senhora amiga com doces e bolo-rei. Outra de Vilar do Pinheiro com colchas rendadas e quão lindas! Com promessa de ser mensal professora modesta envia 20\$00. Para a casa dos cancerosos, mais 30\$ de anónimo. E para o mesmo fim, mais 100\$ da Avenida de Roma, com um chaile cinzento quentinho. Leitora de Coimbra aparece com 100\$. Outro tanto de Gaia. Maria da Assunção revela devoção com 500\$. Lourenço Marques volta com 50\$. Lisboa com 20\$, 25\$, 40\$ e 60\$. Pecadora vem com 50\$. Três anos volvidos sobre a primeira migalha, a soma perfaz 720\$00. Assinante entrega 30\$. Filha do médico amigo de S. Tirso, 200\$. Mais sangue «para o bendito Calvário, 500\$». Chaves é presença querida uma e mais vezes. Matosinhos quer suavizar o Calvário com 100\$. Que vale o dinheiro, se não fora o Amor que dá?

«Desiludida» pede uma oração. Não volte a chamar-se assim, que não é verdade. Para os mais débeis 100\$. Outra nota igual. No aniversário do Pai já falecido mais outra.

Agora, uma de mil. «A importância junta dedica-se ao Calvário, patamar bendito a caminho do Paraíso. É somatório de pequenas economias feitas em viagem recente agradecendo a Deus permitir-me admirar tantas bele-

Ao regressar de África, como os serviços em que trabalhava fossem remodelados, desligou-se deles e, apesar de algumas propostas recebidas (Até em viagem, de um alemão que o convidou para trabalhar com ele na Austrália — o que fundamentará, talvez, o dito corrente na família, mas não confirmado por carta sua posterior, de que tinha ido para a Austrália, quando «desapareceu» para Espanha) — apesar de algumas propostas recebidas, o seu pensamento era ficar por cá.

Seu irmão Jaime tinha um escritório de Comissões e Consignações no Porto, de sociedade com outros, entre os quais um Senhor Sampaio, da Trofa («com Victorino e quejandos», diz Pai Américo), o qual possuía também uma Fábrica de Serração para caixotaria que mantinha relações comerciais com a Inglaterra e África do Sul. Foi ao serviço desta Fábrica que ele foi à Inglaterra arrumar uns negócios, dado que falava perfeitamente o inglês, o que não acontecia com o proprietário dela. (1).

A viagem foi rápida. Breve regressava a Leixões.

Foi então que ocorreu um incêndio, na referida Fábrica da Trofa, o qual desfez vários projectos, entre os quais o da entrada do Américo na Sociedade.

Quando foi esta viagem? Não se consegue datá-la com rigor. Porém, em 4 de Setembro de 1923, ele escreve de Paço de Sousa ao Amigo do Funchal, uma carta que não possuímos na íntegra e cujo excerto conhecido não tem interesse.

Eu creio que a viagem terá sido antes de Setembro, porque logó em 17 de Outubro seguinte há a carta que hoje publicamos, a qual começa assim: «Tinha esta nota feita há muito tempo e agora vai».



zas que criou para nosso encanto».

Em sufrágio de S. Teixeira 500\$. Avó pecadora manda 100\$ Senhora de Moçambique fez colheita de 900\$ entre conhecidos e amigos.

Cidades e vilas comparecem sem esmorecimento. S. João da Madeira com 50\$. Porto com notas de 100\$, de 50\$ e 20\$00. A capital não fica atrás. Maia com

FACETAS DE UMA VIDA

Cheio de movimento, pois, este período de Março a Outubro de 1923!: Embrenhado em negócios, nenhum dos quais estabiliza. Entretanto surge, ou torna-se insistente e claro, o problema da vocação.

Hesitando acerca deste e não tendo logrado fixar a sua actividade na Metrópole, terá pensado em aceitar o convite do comerciante de Chai-Chai, Manuel Mendes, com o qual, à partida de África, havia tratado, apenas verbalmente, a entrada ao seu serviço por 50 libras mensais,

oferecimento este duplicado e viagem paga, em razão da pressa com que o referido comerciante reclamava a presença do Américo em África.

Alguns promenores da hesitação final já foram recordados, sobretudo em artigos anteriores do Sr. D. Rafael Maria da Assunção, que Deus guarde, e do Sr. Dr. Avelino Soares.

Hoje temos a notícia da decisão traçada pelo próprio punho do Américo em vésperas de partida para Vilariño de la Ramalhosa.

V Al a sua letra. Escrevi ao Mendes a dizer que não volto à África e os negócios daqui ficam com meu irmão, que tem office no Porto com Victorino e quejandos.

Ouçã, S.. Ouçã que é só para si e isto pela confiança ilimitada que em si deposito. Sabe você e meu irmão Padre e mais ninguém. Mais tarde quando eu tomar hábito e isto será dentro de um ano, não me importa que outros o saibam. Eu vou para um convento de Franciscanos em Espanha. Razões porque deixo a vida e o mundo? Muitas e hei-de dizer-lhas quando você vier ao continente e me for visitar. Este passo é filho de raciocínios muito profundos, hoje já de ordem espiritual e que portanto você não os poderia compreender. E tem havido evoluções sobrenaturais na minha alma. Tem, sim, que eu sinto-as. Não julgue que vou satisfeito. Já lá estive dois dias e que saudades do mundo, que ânsia de liberdade meu S! Mas eu vou, eu sigo a vida de sacrifício, de dor, de penitência. Não estou doido, tenho todas as faculdades mentais. A fé que ainda não tenho em absoluto, há-de vir-me com o convívio de gente espiritual e que já não é do mundo. Você há-de interessar-se imenso quando me ouvir, na visita que me fizer. Então hei-de comunicar-lhe todo o meu sacrifício, todos os sentimentos da minha alma, todo o horror do mundo e das coisas dele.

No ano 23/24 estudo os preparatórios que em regra levam 4 anos aos pequenos. O principal é o latim. Vem o 25 para o noviciado que é apenas de contemplação mística. Vêm depois dois de filosofia e 4 de teologia. Tomo o hábito em 25 e faço votos provisó-

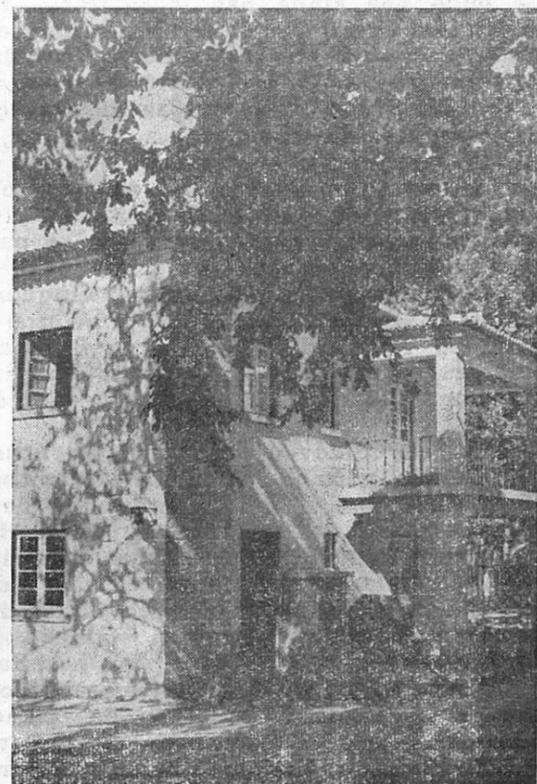
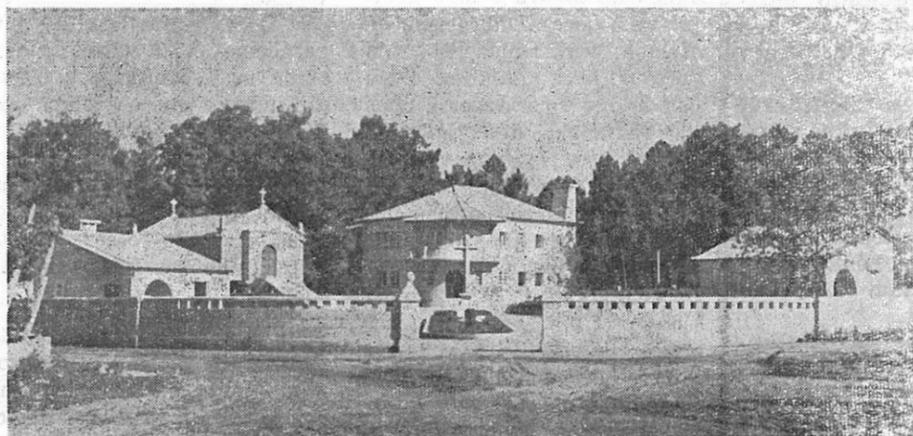
20\$. Buarcos com outro tanto. Vila Real com 30\$. Santarém com 20\$. Barreiro com 50\$00. Coimbra com igual quantia de J. M.. Figueira da Foz com flanelas. Loriga com cobertores.

«Doente para doentes» com 20\$. Paroquiana das Antas com 100\$. António com 50\$. Pobre

com amor pelos incuráveis. Viúva de África com 50\$. Mariana com 20\$. Assinante com 50\$00. Anónima com igual soma. Pecador com 20\$. E continua em número próximo, que o Pai comum a todos quer bem, ricos e pobres, são e doentes.

Padre Baptista

Calvário



rios. Em 28 faço votos solenes de pobreza, castidade e obediência e morro para o mundo.

Sobre as nossas contas, posso eu saber o que tenho durante este ano até o noviciado, e mesmo devo dar uma boa quantia à Ordem quando tomar hábito. Este «devo» é porque quero, pois ninguém me pede nada. Mais tarde terei então que renunciar tudo. A regra diz: dá o que tens e segue-me. Diga-me pois como vão as minhas contas e quando lhe for possível passe para c/c os dinheiros que estão consigo. Eu dei à minha irmã 90\$ de s/c. Se quiser a casa para o ano escreva-lhe com tempo. Não precisa pagar mais renda se se não vem a utilizar da casa.

Para que me não conheçam nos correios, o meu nome é Joaquim Ferreira Rodrigues, cuidado do Superior do Colégio de Santo António, Tuy. As cartas me serão entregues em Vilarinho, 4 léguas de Vigo, aonde me encontro. Escreva, pois, mas veja lá; não me diga sim nem não. Compreende como seria delicado ouvir opiniões de gente que pesa, nesta altura tão delicada da minha vida. Deixe ser feliz quem julga que o é. Adeus, S.. Saudades aos seus.

P. S. — Compre o «Deserto» de Manuel Ribeiro e compre a «Cathedral» do mesmo. Note, quando li o Deserto, já estava a preparar as m/ cousas para seguir para o Convento, por isso não julgue que o meu passo, são influências do livro. Não!

Américo Aguiar

(1) — Esta notícia coincide com a revelada em artigo «Facetas...» de Dezembro de 1956, no qual se falava de uma viagem comercial a Inglaterra em que o Américo era portador de amostras de vários produtos nacionais.

Chales de

PASSEI há dias pelo Porto. Aproximava-se o Natal. Até as ruas o gritavam, de primorosamente engalanadas. Milhares de lâmpadas escorriam torrentes de luz. A cidade estava linda, mas avultavam, assim, mais ainda, os contrastes da sua riqueza e miséria.

No coração do Barredo a noite de Natal não terá sido também este ano noite sem estrelas para muitos? Continuam crianças a procurar no lixo restos de comida e mulheres buscando papeis. Famílias despejadas na rua. Sombras a dormir nos portais. Lares onde se apagou o lume.

Natal no Barredo, noite de espanto: 19 séculos são passados, após o nascimento de Jesus, e os homens não aprenderam ainda a amar os homens. Naquele tempo, não houve lugar para Jesus. O seu berço teve de ser uma mangedoura, numa gruta de animais. Hoje, como sempre, o pior lugar é para o pobre que continuará escorraçado dos seus semelhantes. Cristo Jesus continua ainda escorraçado. O mundo prossegue, engolfado nos seus negócios, interesses, prazeres.

O Porto estava primorosamente engalanado, mas era bem melhor que as comissões fossem primeiramente de Fraterna Ajuda Cristã a todos os irmãos que sofrem. Roupas, calçado, víveres, dinheiro seriam a alegria de quantos abrissem as suas mãos e de tantos que nelas os receberiam. Se naquela noite não houvesse mais luzes e ornamentações, houvesse, sim, almas em festa e isso valeria imensamente mais que milhares de lâmpadas a escorrer torrentes de luz.

De uma senhora inglesa esta carta que o Mundo não pode compreender: «envio aqui 100\$ para um chale de Ordins. É para uma pobre velhinha que muito precisa, e assim faço uma dupla caridade; a mulher que fizer o chale também ganha. Vou vender a minha propriedade e morar simplesmente num casinho, para poder dispensar mais aos pobres que nos rodeiam sempre. Até à venda não posso mandar mais, mas quando Deus Nosso Senhor me mandar um comprador, terei alguma coisa a enviar todos os meses».

Aveiro, cheio de alegria escreve: «Chegou a minha vez de participar na ajuda duma Obra tão grande, em favor dos que trabalham, porque precisam. Deus o abençoe e não se canse de falar... O Gaiato, esse famoso

jornal, será o grande arauto, a falar e a chamar os que adormecem».

As Religiosas de S. José de Cluny agasalham duas crianças lisboetas. Oliveira do Mondego com 300\$ embrulha dois bebês do Barredo. Sr. Padre Manuel António ficou contente. E eu também: «os restantes escudos ficarão para a Casa de Jesus Misericordioso». 30\$ para a mesma do Liceu de Carolina Michaelis, no Porto, onde se venderam dois dos nossos chales.

Pedroso e Barcelos gostaram e tornaram. A Comissão Municipal de Assistência de Barcelos não esteve com meias medidas e veio por 50. «Desta maneira, penso que faremos duas assistências: aqui e aí». A dita de Penafiel com 1.000\$ saldou 10.

Do que nós necessitamos

Natal.

Tempo em que o homem se sente mais irmão dos outros homens. Tempo em que o homem toma consciência de que é membro de uma grande Família cujos membros são todos os outros homens e reparte do que tem com os que não têm. Diante dos nossos olhos um monte de cartas, outros tantos testemunhos desta verdade. Fazem-se sacrifícios que noutro tempo se não fariam. Recebi um dinheiro com que não contava e dele retiro aquilo que poderia gastar num «reveillon» — 800\$. Da Sacor a lembrança do costume — 6.000\$ — e palavras de muita simpatia. As operárias da Fábrica de Malhas «Beta» também não nos esqueceram. Do mesmo modo a Casa dos Enxovais de Viseu. Um universitário pede orações pelos seus colegas e manda 100\$ para os nossos pobres. Amarante, cá recebemos o que nos mandou. 720\$ como «oferta de colaboradores eventuais do jornal «O Mundo Desportivo». Uma vicentina de Viana do Alentejo lembra-se dos seus e lembra-se dos nossos com duas notas de 50\$. De um «Casal Feliz» recebemos 100\$ para distribuir pelos pobres do Barredo, roupas e sapatos. Sola da Fábrica Portuense de Curtumes. Já lhe batemos de novo à porta. Muitas migalhas de 20\$. De Luanda mil para a ceia dos nossos rapazes. Uma peça de cotim de Sousa e Maia, de Braga. Se soubessem da nossa necessidade de calças para os nossos rapazes, concerteza dobrariam a remessa. Cá esperamos. 20+20+20. Mais roupas de Benedito Barros, do Porto. Do motorista dos B. V. Espinhenses 50\$ por uma graça recebida. Agora é um

Lisboa gostou e tornou e vai repetindo jubilosamente estes 2 verbos. Infesta e Castro Marim vieram pela vez primeira. Algés tornou por mais três: «tenho a alegria de lhe poder dizer que os vossos chales estão fazendo grande sucesso entre as minhas amigas».

A Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro, em Lisboa, veio por 11. Uma Maria da Conceição envia três para o Barredo. Agora é uma avózinha de Vila Nova de Tazem: «aquí venho pela 4.ª vez encomendar o chale para agasalhar o meu 4.º neto». De coração generoso, também agasalha uma Pobre.

Cascais, Pombal, Portalegre,

casal que nos envia a sua lembrança de Natal — 200\$. Não há distinção. Não há classes. Todos enfileiram animados pela mesma Força. Uma criada vem com o seu óbulo de 50\$. Um ferroviário de Campanhã, com outro tanto e uma Mãe que se viu atendida num momento aflitivo dá outros 50\$. Do Dundo 100\$ e de Lisboa cinco vezes mais.

Aquela vicentina do Lobito digo que a sua vontade foi cumprida. De Espinho 50\$ e a pena de não poder dar mais. O dobro de Rio Tinto para os pobres do Barredo. O senhor Poças Júnior mantém-se fiel a uma velha tradição, mandando-nos todos os anos uma caixa de 12 garrafas de vinho do Porto. Bem haja pela lembrança. 500\$ e pedido

Estão a aparecer pretendentes para as écharpes. Outro tanto sucede com as camisolas. Quanto a estas, a encomenda só poderá ser aviada, quando puder ser. Ainda não temos máquina de tricotar. E à mão é trabalho moroso.

Bastantes pessoas se têm lembrado da Casa das Tecedeiras ou de Jesus Misericordioso.

De uma assinante 20\$ para o Calvário e outro tanto para esta Casa. 50 da Beira. O mesmo da Póvoa de Varzim. 20 de Penafiel. Dos E. U. A., Francisco e Maria com 10 dólares «para os seus Pobres». M. M. do Porto com 50\$ «para o que for mais preciso».

Ordins

Crestuma, Proença-a-Nova são terras de Portugal que usam dos nossos chales. Paço de Sousa, Santo Tirso e Tomar vão na procissão.

Cá vai o Porto. «O que resta é para a ajuda da Casa de Jesus Misericordioso». O Monte Estoril é já nosso conhecido. Como «dizem ser tão quentinhos», Lisboa enquanto estuda ou vê Televisão, também quer o seu. «Meu e De-la» seguem juntamente com um estudante que veio por um e promete outro para a Curraleira. Quem se lembra das Curraleiras que há em Portugal? Com letra conhecida, torna Lisboa com 1.000\$ para 9 deles.

S. Pedro do Sul põe as contas em dia com 50 e outro tanto «de alguém que também quer ajudar». Braga e Alfeizerão seguem com «novelos». O Porto traz 100 para mão de obra, querendo camisolas para o Calvário. Ótima ideia. Deu-nos 25 novelos para tal.

Um sacerdote da Lousã, fecha a procissão com 20 para novelos, 50 para Belém, o dobro para o Calvário e outro tanto «para o que melhor entender».

Casa de Jesus Misericordioso

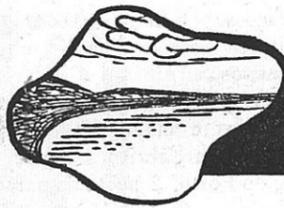
Ordins—Lagares—Douro

Padre Aires

de orações. Saibam os nossos benfeitores que os lembramos, pelo menos 5 vezes no dia. Uma avó pede pela felicidade de cinco netinhos e manda 20\$ para os Pobres. Da Fábrica «A Invenível», do Porto, 2 peças de pano. Bem hajam. «Os dois amargurados estão presentes com os 50\$ do costume». Ó grandeza—casal de operários vem com 500\$00. Mais duas notas de 100\$00 de José F. Botelho, do Porto. Meditem por momentos nesta página de sangue: «Dou estes 50\$ com sacrifício para que Deus conceda a Graça e a saúde de que necessitam as pessoas que mensalmente mos dão para me ajudar a viver». Um pacote de rebuçados de uns amigos de Alferrarede. A Soponata lembrou-se dos nossos Pobres com 3.000\$. Bem haja. O pessoal do Liceu de Carolina Michaelis com 50\$ e duas notas de 100\$, logo a seguir de Lisboa e de Campanhã. Mais pano de riscado da Fábrica do Bairro assim como também de Riba d'Ave. De um velho e bom Amigo da nossa Obra que viu nascer e vive agora em África 500\$. Duas de 50\$00, uma de cem de A. G.. Uma carta linda que não transcrevo por falta de espaço. É uma Mãe que fala por uma filha e manda 100. Duas de 20\$. Retalhos de vários panos de Bairro e mais 6 garrafas de vinho do Porto. Outra Mãe que sofre com a sua filhinha doente e encontra alívio dando aos Pobres — 220\$. De Montepuez 100\$00. O primeiro ordenado da sua vida vem para os Pobres. Beira e Lourenço Marques não faltam com as suas cotas mensais. Outra vez Luanda — «aceitem esta insignificância, que conseguiu escapar ao meu tradicional egoísmo — 100\$». Outros 100\$ de Castelo Branco, ainda outros de Santo Tirso, 200\$ de Lisboa, 500\$ para o Barredo, 20\$ para o nosso Natal, 500\$ «do meu 1.º ordenado», e 1.124\$ que é um terço do ordenado de um marido exemplar. Um nosso amigo recolheu em S. Paulo — Brasil, 3.270\$00 que veio cá entregar. Os tradicionais dois fardos de bacalhau, da Comissão Reguladora do dito. Mãe que agradece a boa hora no nasc. de sua filha. 380\$ recolhidos nos mealheiros da Tabacaria Cardoso e Carvalho. A Avó de Moscovide nunca falta. 50\$ da Figueira da Foz, 3.000\$ no Espelho da Moda de B. C., 50\$ «para o quarto do meu velhinho do Barredo», rebuçados de Anadia, 53\$, depósito do pessoal da Mobileil, 25\$ de «um portista», 100 do Hospital da Beira e outros 100 de Lisboa, da RAL 200\$, mensalidades de Novembro e Dezembro e 200\$ de dois Brasileiros. Muitos embrulhos de roupas com camisolas, camisas, peúgas, pulovers etc. Ceiras de figos que são uma delícia. 900\$ para os pobres do Barredo. Roupas de Newark, Beira, Lourenço Marques. Mais 500\$ e uma nota de 100\$ da mensalidade de Novembro. Não faltou a senhora das camisolas e outra senhora veio trazer um donativo no dia do casamento do filho. Só não apareceu novo Senhor dos Cobertores.

P.E MANUEL ANTÓNIO

Gaiato



SETUBAL

e 30 no Setubalense. Duma doente dum sanatório cinquenta. Ó valor!

Dum Clube nosso amigo 500. Na nossa Festa do Natal mais 300 e mais 100. Bem hajam os nossos amigos pela sua presença! Dum amigo no dia de Natal cem pró açúcar e abóboras e bolos e muita coisa.

Do Poceirão um fato e doces. Duma Mãe a pedir orações pró seu filho 50. De Águeda um conterrâneo manda 50. Visitas 50 mais 50.

«Para os seus gaiatos que afinal são nossos também 225». Arreda-te mundo é Cristo que passa em Setúbal.

Do Liceu, visita do Senhor Reitor, roupas, calçado e mil. Por intenção de duas faleci-

das, cem e o mesmo da anónima no Setubalense todos os meses. Na R. Alvaro Castelões 150 e uma máquina de apañhar meia.

Da Quinta do Anjo cem e e 130+120 para intenções de missa.

Conservas da Atlas, da Alonso. Para cobertores 300 de Lisboa. «Duma criada de servir, pecadora», 20. De Vila Viçosa uma filha de Setúbal mandou-nos outra vez cem.

Dum lavrador nosso vizinho litros de azeite e dois gançõs. Se ao menos os lavradores que nos rodeiam imitassem este nosso amigo como viveríamos melhor.

Duma Inglesa cem. Num casamento em nossa casa 612\$50.

Da S.A.P.E.C. 500. E o mesmo do Grémio dos I. do Arroz de Lisboa.

Muitos amigos ouviram S. O.S. por cobertores. Um amigo de Lisboa mandou 50 bons e uma carta de desabafo. Há dois anos recebemos cem e que não sabemos é se foi de um ou de dois senhores.

Continue a rezar o Pai Nosso baixinho e de vagar. Nós rezaremos por Si e por todos os que me ouviram, quer sejam de Lisboa, Porto, Coimbra, Setúbal, Funchal e outros lados.

M. M. do Porto, temos recebido cem mensalmente. Da Andorinha, 20, 50, 20, 50, 50, 20. Duma Helena 200 pró cobertores.

Uma operária manda 50 e pede que lhe celebre por alma dos Pais. Cumpri.

A Quinta do Anjo outra vez com mimos, vinho, mercearia, abóboras, dinheiro, grão, roupas, calçado e beijos prós mais pequeninos, «Quem meus filhos beija minha boca adoça», por isso eu gosto muito de passar na Quinta do Anjo.

De promessa 50. Visitas 70, 50, 100, feijão, mercearia e roupas. Dum barbeiro 50\$00. De Portimão cem. Do Senhor do Tojal 20 e promessa desta presença todos os meses.

Por um vendedor 205. Pró Nautílio 20. Para a peça de cotim 50. Dum estudante pouco abonado 40. Um vale de Barrancos com cem. Duma Palmelense 200. Precisamos muito do auxílio de Palmela. Também de lá tenho rapazes. Duma senhora amiga 350, 100 e uma mala.

Visitas trouxeram de promessa, 170, 40, 600. Senhora Cabelreira 48, 40, 20, 40.

Volta outra vez a Quinta do Anjo com rebugados, bolos, carne, cebolas e abóboras, fruta e peixe e muita amizade. A um vendedor 12\$60+20+10. Por não ter saído prá Índia alguém muito querido 50. Um anónimo a pedir bençãos para os filhos e netos, cem. Para a causa mais necessária da Obra 100\$. Quantia que apareceu a mais numa caixa 57\$90.

«Não preciso nome sou um Cristão». «É dum aumento de ordenado. Aquele cristão que seguia do emprego para casa em bicicleta de pedais, 100\$00. Visitas 50. Dum oficial ao Serviço na Índia, cem.

Por uma senhora costureira cem dum Setubalense de 1881. Do assinante 17.769, 50. Já veio há muito o irmão do Cabanas.

De Stanleyville 500. Do assin. 22420, 50 pra duas missas. Celebrei.

Duma Besteirense 300\$00. A um vendedor 20. Uma mãe pelas provas do filho no 5.º ano cinquenta.

E eis o que recebemos de Maio até aos Reis.

Padre Horácio

Padre Acílio

Pelas Casas do Gaiato

MIRANDA DO CORVO

Que todos os estimados leitores tenham tido muito Boas Festas, são os nossos mais sinceros desejos.

Nós, como sempre (porque a tristeza não quer nada com a gente), tivemos Festas muito alegres e um Natal muito Feliz, ou a Festa que celebramos não fosse o Natal. Sim, porque não há ninguém que a palavra Natal não avise

imediatamente Alegria, Fraternidade, Amor.

O Natal é a Festa da Família. Na véspera foi o Natal dos pobres socorridos pelas nossas Conferências Vicentinas. À hora da ceia, houve a conversa habitual de batatas com bacalhau e couves, bem regadinhas com azeite. Estavam que era uma delícia!

Depois, à meia-noite, à volta do presépio, toda a Família estava reunida. Todos os rapazes de Miranda e Lar de Coimbra e os vizinhos e amigos mais chegados, aqueles que, de certo modo, consideramos também membros da Família, enchiam a nossa capela, onde, como há 2.000 anos, aproximadamente, foi entoado o «Glória in excelsis Deo». Estiveram presentes alguns que, embora fora dos tetos da Casa, são todavia filhos da Obra da Rua e que marcaram presença, quer física, quer espiritual, pois muitos escreveram nestes dias, mostrando-se unidos a nós em espírito.

A Missa do Galo, como não podia deixar de ser, foi cantada entusiasticamente e à altura da Comunhão, quase todos os presentes tomaram parte no Celeste Banquete. Tal como outrora no Presépio, Jesus nasceu também em nossas almas. É Natal!

Da capela seguimos todos para o refeitório, alegremente ornamentado, onde tomámos uma chávena de café quentinho e a acompanhar filhós e bolos.

Como a noite já ia adiantada fomos-nos deitar, mas os nossos «batatas» apesar de tudo, continuavam acordados, à espera que o Menino Jesus lá lhes fosse pôr qualquer coisa nos sapatos.

Ao fim e ao cabo, o certo é que adormeceram e de manhã, quando acordaram, lá estavam já lambarices e brinquedos, que naquele dia não tiveram descanso.

À tarde, muitos amigos nossos de Coimbra, os de todos os anos, não obstante a tarde estar chuvosa, aproveitaram para a tradicional visita do Natal. São senhores que já não passam um Natal Feliz, se não vierem à nossa casa, e nós também estranharíamos muito a sua ausência.

Houve, como também é habitual, teatro, que correu melhor do que era de esperar, pois este ano a azeitona, que, graças a Deus, foi abundante, não deixou tempo nenhum para ensaios. Apesar de tudo, estão de parabéns os actores, que agradaram de uma maneira geral.

Eis o programa teatral:

I — Parte: Um quadro do Presépio e o Auto do Bom Pastor.

II — Parte: Cena de Nazaré. Atribuições de um distraído (comédia em 2 actos).

Como os estimados leitores podem presumir, tivemos um Natal cheio de alegria. Oxalá que todos que nos têm tido também um Natal assim alegre e que o Ano Novo que acaba de nascer, traga a todos muitas felicidades e bençãos de Deus.

O Natal em nossa casa é sempre assim. Está chegado o dia em que a nossa casa completa os seus 20 anos. É a primavera da vida. Vida cheia, baseada nos princípios que Pai Américo lhe ditou. Foi assim que Pai Américo gostou sempre do Natal. É assim que nós temos feito, e se Deus quiser continuaremos a fazer sempre. Só assim é que de facto o Natal é festa cristã, a festa da Família.

Além de muitos que escreveram, estiveram presentes o Gemias que se encontra no Reformatório de Caxias; o Gabriel que continua no Sanatório do Caramulo; o Jorge que veio visitar o seu irmão Lita; e o Abel.

Na oitava do Natal, fomos a Coimbra fazer o costumado Natal dos Doentes ao Hospital dos Lázarus, em Celas. Todos os anos lá vamos levar as broinhas, fruta, bolos e brinquedos para as crianças. Porém, mais do que tudo isto, vamos dizer-lhes que, embora para ali abandonados no leito e esquecidos pelo egoísmo de muitos, Jesus nasceu para salvação de todos. É isto o que essencialmente o Natal nos deve dizer.

Júlio Mendes

Carlos Manuel Trindade

Tribuna Coimbra

solas de Lemeice a cheirar a muito carinho; uma peça de fazenda da Covilhã. É o tapa aflições da nossa alfaiataria. Já soube que quem a Deus, este ano teve de a comprar, para ter o prazer espiritual de nos dar as Boas-Festas dos outros anos.

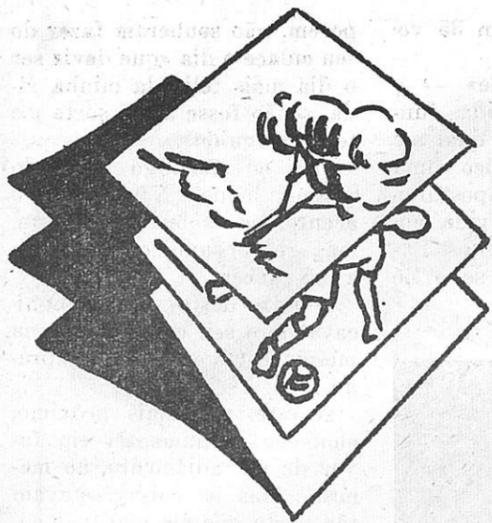
Cem de Miranda por alma do Marido que tanto nos queria; sessenta do Luso, que mostram ser gotas de muito suor; um pneu usado de Vila Real de Santo António. A caridade não tem distâncias; cinquenta na minha terra; o mesmo de um Carlos de Tomar ao nosso vendedor que também é Carlos e com intenção de ser para o Snr. Padre Carlos. Vivam os Carlos! Quinhentos do Grémio de Arroz. Todos os anos espero por eles; os dois fardos de bacalhau por ordem de Comissão Reguladora dele. Muitas atenções do Presidente que orienta e dos armadores que mandam e muita satisfação nossa que recebemos. Cem ao vendedor em Castelo Branco. Ele nesta altura já anda sempre a contar. Vinte saquinhas com bolos da Margarina Chefe. Que bons que eram. O reclame não diz tanto como o paladar. Cem da Sociedade Nacional de Sabões; 200\$ da Farmácia Normal de Lisboa; cem de família amiga da Corujeira; cem de um meu conterrâneo que costuma assim; mil em Miranda para nós e para o Calvário. Faz-me muito bem este reparar. Agora vai Coimbra: 150\$ de alguém que nos destina parte do seu pão; calçado, roupa e lembranças aos nossos estudantes de quem os ama como boa mãe; camisolas de muita categoria aos nossos da

Escola do Magistério; trezentos e agora mais quatrocentos das duas amiguinhas que nunca nos esquecem; cincoenta por duas vezes, no vencimento do ordenado; livros usados e roupas; medicamentos e muitas migalhas das doentes do Sanatório de Celas.

Brinquedos e roupas, mais roupas, mais cem em Santa Cruz; um casal jovem que foi ao Lar repartir a sua felicidade e deixou uma cautela de cem e uma bracelete de ouro; dois embrulhos no Castelo; roupinhas de criança; os mimos da Triunfo; a lembrança para o jantar de Natal, da Auto-Industrial; duzentos; cem no Castelo; cem levados ao Lar; mais cinquenta do mesmo modo; quinhentos para a casa e Património; umas migalhas em recordação do Pai Américo; trinta no Castelo.

Bolos-rei. Este ano foram vários; um que os nossos muito queridos amigos levaram a Miranda, era uma carrada. Até houve quem tivesse o cuidado de mandar dois para mim, duzentos e mais cem que acompanharam os bolos. A lembrança do costume da Fábrica de Curtumes; uma peça da Sociedade de Fazendas; duas dum estabelecimento sempre amigo; cem dum armazém; uma ceira de figos de outro; roupa no Castelo; 150\$00 por alma de dois saudosos mortos; vinte da Praça da República; duzentos de há muitos anos; cinquenta a pedir uma missa; as visitas de todos os anos no dia do Natal. Já consideramos visitas de família; muitos brinquedos e as bolas precisas no Bazar do Porto; um rádio que é o encanto dos rapazes; louças e muitas lembranças de amiga incansável; camisolas no Castelo; muitas assinaturas. E adeus por hoje.





VISTAS

DE DENTRO

Ora façam favor de ver. Este Natal recebo cartões (nada discretos no tamanho!) da Tipografia da Casa do Gaiato de Lisboa; do «Páscoa» e do «Pascoela» e do Abel, Idalina e Laurita... E quanto mais se não teriam feito, sem me chegar a notícia!...

Os leitores lisboetas, ainda por mais este título, façam o favor de inundar de trabalhos a Tipografia do Tojal, a ver se nos livramos das «horas extraordinárias» e voluntárias dos impressores de cartões de visita e boas festas para a freguesia de portas adentro, que não rende nada!

Um dia destes — em 22 de Dezembro, precisamente, recebo gorda carta com carimbo de Paço de Sousa e o seguinte endereço escrito à máquina:

Rev.mo Senhor
Padre Carlos Galamba
Casa do Gaiatinho
Paço de Sousinha
Penafiel — Porto — Portugal
Península Ibérica

MUNDO

Abro — e que havia de encontrar?!

Uma folha com as dimensões dobradas das do Famoso e estes dizeres:

«As boas festas dos tipógrafos para o Senhor Padre Carlos.

Esperamos que lhe caiba uma boa pratada de tranchuda com o fiel amigo, inglês, sueco, ou mesmo da Preza da Cabra. Oxalá que o azeite não tenha óleo!»

Assinam todos os tipógrafos (nada menos de 21), sem faltar sequer os sisudos pais de família: Júlio, Manuel Pinto e Avelino.

E termina o «documento»: «Tantos de tal de mil novecentos e carqueija.

Que o Menino Deus lhe ponha no sapato uma máquina rotativa, Heidelberg, uma máquina de cravar, um par de calças, pois as que trás já estão rotas, uma bola e redes para o futebol e uma garrafa de Água das Pedras por via dos «figueiredos».

Nota: — Todos os que assinaram o importante documento estão bem, obrigado».

Que bom, se a vida fosse sempre sorrir!

Eu dei aqui à estampa, há pouco tempo, uma completa estatística elaborada pelo «Esticadinho» sobre o desperdício de jornais em uma tira-

gem. Pois é do «Esticadinho» que vou falar.

A nossa Tipografia parece agora com os seus serviços racionalmente organizados nas secções de Composição e Impressão. Mas é como uma larga avenida inacabada, que termina ainda por um gargalo estreito, constantemente entupido: É a Encadernação. Para a pôr em movimento ao ritmo das outras secções precisamos ali de um rapaz com dedicação e capacidade.

Pensámos neste, naquele e a nossa escolha recaiu no «Esticadinho». Resolvi chamá-lo e propor-lhe: Olha lá!, tu gostavas de ir para o Porto fazer um estágio de encadernador? «Esticadinho» olha para mim, faz um tregeito muito seu e diz-me naquela adorável espontaneidade também muito sua:

— Olhe! Eu gostava mais de não ir.

São tão mais vulgares as respostas untuosas e equívocas; tenho reencontrado por resolver tantos problemas em que assentei com outros a solução — que não pude deixar de agradecer a Deus, a lealdade vertical daquele moço.

E ando por outros lados em procura do futuro encadernador.

E já que falei de estatística, para não fugir à tradição, aí vai, na desordem de sempre, o balancete anual do serviço de cicerones, que o chefe José Adolfo, nos forneceu:

CONTAS DE 1959

Postais 4.911	12.277\$50
Ofertas	28.263\$00
Lourinho	180\$00
Queirós	368\$60
Conferência	60\$00
Assin. Antigas	13.525\$00
Assin. Novas	350\$00
Barredos 19	380\$00
Doutrinas 18	360\$00
Pão dos Pobres 11...	220\$00
Cocas	357\$00
Melo	71\$40
Baptista	124\$00
Caridade	237\$60
Azeitona	542\$60
Néquita	32\$50
Américo	319\$10
Arturito	175\$70
Bernardino	77\$00
Pipas	337\$90
Zé Luís Bucha	196\$50

Xico II	251\$50
Fagulha	202\$20
Calvário	306\$00
Neca Carp.	209\$50
João Baptista	157\$00
Manuel Bucha	23\$50
Cupa	82\$00
Património	120\$00
Campa	2.533\$90
Camp. das 50 casas	80\$00
Russo	298\$10
Xico	317\$50
Sr. P.e Manuel	5.979\$10
Sr. P.e Carlos	1.835\$00
Boca Torta	10\$00
Peixeira	202\$50
Fridão	50\$10
Marmelo	19\$10
Braga	10\$00
Cobra	4\$00
Saraiva	23\$50
Cândido Pereira	40\$00
Passarinho	79\$50
Mirandela	570\$50
Lindoso	50\$00
Marito	240\$50
Niza	226\$00
Elvas	565\$50
Pastor	305\$50
Bino	21\$10
Mineiro	113\$40
Rodrigo	93\$00
Zé Bolas	266\$50
Xico III	60\$00
Chinês	254\$20
Vila Real	15\$00

Josué 5\$50
Choninhas 24\$50

74.100\$60

Ontem foi a matança no Lar do Porto. Um espectáculo. É sempre à noite, quando a comunidade se reúne. Reza-se o terço antes do jantar e depois deste, um ex-colega de trabalho do Manuel Teixeira entra em funções. O ex-colega e a malta toda para ajudar e desajudar.

O porco deste ano foi o maior de sempre: Mais de 16 arrobas.

Conseguir trazê-lo ao cadafalso foi um tourada. Eu estava a rezear que a Polícia aparecesse atraída por tamanho berreiro. Afinal a morte acabou por realizar-se em paz.

Vim-me embora enquanto chamuscavam e raspavam a pele do bichano à luz de um luar magnífico.

De entre os «trabalhadores» saíam vozes a lembrar uma cachaca para depois da faina. Vim-me embora. Não sei em que sarilhos a Senhora se terá visto.

Filhos de Pai incógnito

A hora do correio na vida militar é esperada com sêde. É sábado, e já estamos formados para a segunda refeição. O correio chega, e todos esperamos ouvir o nosso número. Eu também estou ansioso. Ouvi o meu número, e arrojéi as mãos como que movido por uma mola. Abri a carta e li:

«...O nosso irmão tem estado muito mal. Há quinze dias que deita golfadas de sangue. Recebeu ontem o teu postal, e disse:

—Ai o meu querido irmãozinho que já não te torno a ver...

O médico no sanatório já não o aceita, e diz que o nosso irmão está vivo por um fio...».

Não pude mais. As lágrimas saíram em borbotão pelas faces abaixo. Dei-me em cima da cama e escondi o rosto. Pensei, e resolvi ir consolar o meu querido irmão, que talvez já estivesse morto. Pedi aos meus superiores, e fui para a estrada. Antes, ao passar junto aos Franciscanos, fui buscar Força para a fraqueza sentida pela dor. Outros brados vieram até mim, recordei outros doentes e outras dores, e vi que a sua origem era o pecado. Saí mais sereno e confortado, e fui para fora da cidade pedir boleia para o Porto. Já muito à tardinha, lá consegui ir até à Mealhada. Depois arranjei outro carro que me

levou até ao Porto. Era meia-noite. Entrei, e duas minhas irmãs velavam uma figura sorridente mas muito sofredora. Pobre irmãozinho! Não te queixas, e perante a dor sorris e dizes que te não doi nada. Tive que fugir dali, para que o doente não me visse os olhos. Já tarde, regresséi ao quarto dele que, no seu leito de dor, parecia descansar duma simples fadiga. Tal era o sorriso expresso em seu rosto cadavérico. Não culpa ninguém nem se revolta contra nada. Está resignado. São decorridos oito anos depois que se descobriu a sua doença. De então para cá, tem andado pelos sanatórios, saindo dum para entrar noutro.

Sabeis a causa desta e doutras vítimas? A falta de carácter no homem.

E porque sei quanto custa ser vítima desta sua grande falta de carácter, eu prometi em tempos dar guerra ao duplo crime que cometem os homens que não perfilham os filhos.

Bem sei que é triste este brado. Mas nós, quando nos sentimos fracos, vamos à narração da Paixão do Senhor, procurar força para tranquilidade do nosso espírito. É também da Paixão de Jesus de Nazaré o que vos vou contar. Foi por via disto que Deus se fez Homem, para sofrer e morrer. Foi e será sempre o pecado o causador das cha-

gas abertas em Seu Santo peito.

E essas chagas continuam a verter sangue. Não sei que consciência possuirão os homens que, após o seu pecado, não sentem a responsabilidade que lhes faça ver o grande crime cometido.

«Pais incógnitos!» Eis a filiação exposta nos Registos de Sanatórios e Colónias Penais.

Como se chama o teu pai? —perguntam-me muitas vezes. E eu, sempre com vergonha, respondo:

— Filho de pai incógnito.

Se soubesses, amigo leitor, quanto custa dizer esta frase?! É tão amarga! Depois quem na ouve mostra um sorriso escarninho... A todos, apetecia-me dizer que tenho ou tive pai, que o conheci. Mas as leis humanas não me dão direito a isso. Elas giram em volta das mãos dos homens, e portanto são sempre imperfeitas.

«É filho de pai de meios, o qual não quer saber dele». Foi esta informação que Pai Américo um dia mandou para tribunal, a meu respeito. Se os juizes quisessem ou pudessem ver, diriam com Pai Américo, que se deveria chamar o verdadeiro réu, antes que se condene o inocente.

Amigo leitor, se quiseres, com a inteligência que Deus te deu, podes dar luta a esta injúria. Põe a tua sabedoria ao dispôr das vítimas. O Senhor te agradecerá.

Ajuda-nos nesta luta contra os pais incógnitos, impunes pela lei e vamos ver se este grito chega aos gabinetes.

Ernesto Pinto



VISTAS DE DENTRO

O primeiro domingo do ano, foi o dia das eleições em Paço de Sousa.

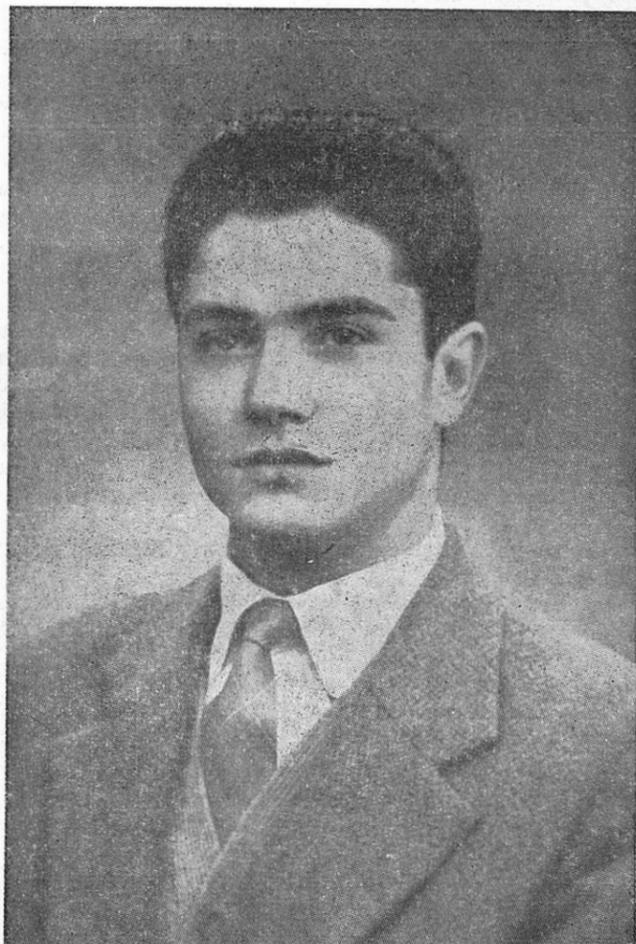
Em 1959 não se tinham feito. Cândido, reeleito ao re-

te, Festa da Sagrada Família.

Aqui o problema revestia uma especial dificuldade, pois saindo para a tropa quase todos os mais velhos, a escolha



Joaquim Gomes



Alberto de Almeida

gressar da tropa, continuou até ao seu casamento. Depois foi Daniel quem ocupou interinamente o lugar.

Ao escurecer juntaram-se todos os que têm 4.ª classe feita e um ou outro que não a tendo ainda, tem idade e tempo de casa que justificam o direito ao voto.

Falou-se na missão do chefe. Não se disse doutrina nova. Disse-se, mesmo, que a doutrina era suficiente. Insuficiente tem sido, sim, o esforço da vontade.

Esse dia eu soubera da cabeçada do Anastácio que um ano antes tinha sido eleito chefe do Tojal. Um ano de aparente dedicação, desmornada ali, até aos alicerces (que os não teria!...) num disparate que tanto amargurou o nosso Padre José Maria.

Arquitectos do impossível, a quanto ruir nós não assistimos, dolorosamente surpresos! Mas também, de quanta ascensão não somos testemunhas, louvado seja Deus! Por isso, que o valor de uma alma excede tudo que há no mundo; «porque por um só que se salvasse teria valido a pena a Obra—tantas vezes repetia Pai Américo—o saldo das nossas contas é sempre positivo. É é, mais fortes, mais optimistas mais apoiados no real, que sempre emergimos das duras depressões que o Senhor nos permite.

À noite jantamos no Lar do Porto e combinamos as eleições para o domingo seguin-

te, Festa da Sagrada Família. viria a recair, decerto, em algum ainda bem jovem. Acresce o facto de o Lar ter menos assistência e estar na cidade onde os perigos crescem.

Mas, se somos architectos do impossível, temos de aceitar também por matéria prima o impossível e realizar a grande aventura, o mais acauteladamente que nos for possível.

O princípio que estrutura este aceitar da aventura pode dizer-se por aquela célebre

prece de Pai Américo, uma vez, diante do Sacrário na nossa capela: «Senhor, eles são mais Teus que meus».

«Lançamos pois sobre o Senhor nossos cuidados» e ficamos esperando dEle a provisão de tudo.

Ambas as eleições exigiram o segundo escrutínio por se não ter atingido a maioria absoluta, ao primeiro.

Em Paço de Sousa ficou:

Quim Carpinteiro com 35 votos e Carlitos com 23.

No Porto «Rezende» — o Sr. Alberto de Almeida, funcionário na Sonap, o qual me valeu de Pai Américo uma das maiores descomposturas dos nossos anos de vida em comum — teve oito votos. Para 2.º chefe escolheu-se o Zé Lemos.

porém, não souberam fazer do seu enlace o dia «que devia ser o dia mais feliz da minha vida, senão fosse a má sorte me ter perseguido».

Ora eu não digo bem do mesmo modo. Não ponho o acento todo sobre a má sorte, mas responsabilizo sobretudo a má cabeça.

O outro destes dois, comunicava-me o seu casamento e na mesma carta o seu desemprego.

A este, por mais próximo, chamei-o. Argumentei em favor de um adiamento, ao menos. Mas as coisas estavam tão perto que ele não teve coragem de voltar atrás.

Eu sei que este Lar se funda sobre promessas de total miséria. Fiz o que pude para o evitar. Não o consegui. Pelo costume sei que também não conseguirei libertar-me dos reflexos dessa miséria, quando ela atingir momentos que não são de suportar sôzinho.

Deixemos, porém, este reverso triste. Os outros cinco lares parecem-me prudentemente alicerçados. Destes queria eu dar a estampa, mas nem todos mandaram a tempo o seu retrato.

Aí vão Mário Prudêncio, que foi o «Caveira», primeiro em Paço de Sousa, depois no Tojal; o Zé Manuel Oliveira Cruz, ex-«Alicate», em Paço de Sousa e Lar do Porto; e Fernando Brandão da Silva, que foi de Paço de Sousa e S. João da Madeira.

O Joaquim de Brito e o Manuel Costa, foram os faltosos da fotografia.

Felicidades aos noivos e que o Senhor habite sempre com eles.

«Lá como cá... más fadas há!»

Eu já escrevi ao P.e Zé Maria. Escrevi a prevenir enquanto é tempo, senão... teremos bancarrota!

São os cartões de visita. São os cartões de Boas-Festas. É o papel a andar; a cartolina, os tipos, as tintas, o tempo...

Continua na página cinco



Fernando Brandão



Mário Prudêncio



Zé Manuel Oliveira Cruz